

Bons resultados no Sul

Michel Rogalski

L'Humanité, 20/04/09. Traduzido e republicado em e agora.com.br.

Mondialisation et Compétition. Pourquoi certains pays émergents réussissent et d'autres non, de Luiz Carlos Bresser-Pereira. Paris : Éditions La Découverte, 2009, 196 pgs, 21 euros.

O economista brasileiro cuja reputação ultrapassou as fronteiras do seu continente de origem há bastante tempo nos apresenta um livro que é uma obra maior sobre as estratégias de desenvolvimento dos países do Sul, principalmente daqueles de renda média, apoiando-se em uma comparação entre os bons resultados na Ásia e os fracassos na América Latina. O autor alia qualidades acadêmicas de professor e uma experiência de ministro sob as presidências de Sarney (Fazenda) e de Cardoso (Reforma do Estado, Ciência e Tecnologia). Seu livro, prefaciado por Robert Boyer, já provoca debate na França, porque ele não hesita em revisitar de maneira impertinente as questões essenciais que estão no coração do desenvolvimento dos países emergentes ou com possibilidade de se tornarem emergentes - países que se vêem confrontados com uma globalização real que eles não têm possibilidade de mudar.

Ele já se destacou como um dos pioneiros da crítica à ortodoxia convencional (o consenso de Washington) no início dos anos 1990 salientando a estagnação que ela implicava. Ele nos apresenta uma apaixonante releitura das trajetórias adotadas desde os últimos 30 anos nos países do Sul. Seu diagnóstico é sem apelo e serve de alimento para os debates sobre as formas de acumulação. Os caminhos seguidos com sucesso pela Índia, China, Coreia do sul, Taiwan ou Vietnã demonstraram a importância do Estado-nação, só ele capaz de definir de levar adiante uma estratégia nacional de desenvolvimento. Compreendem-se seus ataques contra o globalismo “que faz o elogio da globalização e afirma que o estado-nação não tem mais razão de ser”. De acordo com sua perspectiva, a globalização é uma oportunidade para os países de renda média, mas aumenta as desigualdades no interior dos países e beneficia principalmente os ricos dos países desenvolvidos.

Enquanto Bresser-Pereira rejeita a globalização financeira e aconselha os países a se precaverem e evitar ao máximo o recurso à poupança externa, fonte de perda do controle sobre a taxa de câmbio, ele apóia a globalização comercial que pode se tornar uma oportunidade para os países em desenvolvimento desde que eles mantenham sua taxa de câmbio competitiva, ou seja, não apreciada. A seus olhos, esta é uma variável-chave sobre a qual é necessário manter o controle e assim poder enfrentar a competição internacional. Esta estratégia deve ser completada por uma política fiscal e orçamentária sábia a fim de se manter a taxa de juros em um nível moderado.

Bresser-Pereira desenha os contornos de um quadro teórico que visa renovar a contribuição da “escola estruturalista” ao definir as características principais de um “novo desenvolvimentismo” que ganha terreno na América Latina. Ele toma cuidado em se diferenciar das experiências do passado, tanto aquelas da ortodoxia convencional que conduziu o continente à quase-estagnação e a uma “década perdida”, como aquelas do “nacional desenvolvimentismo” que se esgotou em sua política de substituição de importações e entrou em colapso diante da crise da dívida externa nos anos 1980.

Ele apela, portanto, para um “terceiro discurso”. Político sofisticado, ela sabe que os três pilares de sua estratégia – mobilizar a poupança interna, manter a taxa de câmbio competitiva, e sanear as finanças públicas – pressupõem um consenso nacional forte e um jogo de alianças políticas sólidas. Mas o continente latino-americano, cujas elites sempre manifestaram uma tendência generosa a se aliar às elites globalizadas, e as classes populares ou marginais que têm uma tendência ver o resultado antes de dar apoio – estará esse continente disposto a se engajar em um consenso? O autor faz uma aposta estimulante.

Michel Rogalski é diretor da revista Recherches Internationales.